

Arthur Valle
Camila Dazzi
Isabel Portella

Oitocentos

TOMO III

Intercâmbios Culturais entre Brasil e Portugal

2ª Edição

Rio de Janeiro
CEFET/RJ
2014



2014

Realização da Publicação

CEFET/RJ

UFRRJ

Museu da República/RJ

Organização

Arthur Valle

Camila Dazzi

Isabel Portella

Projeto Gráfico

Camila Dazzi

Revisão e Editoração

Smirna Cavalheiro/ComTexto

Editoras

CEFET/RJ

DezenoveVinte

Correio eletrônico

dezenovevinte@yahoo.com.br

Meio eletrônico

A presente publicação reúne os textos de comunicações apresentadas de forma mais sucinta no III Colóquio de Estudos sobre a Arte Brasileira do Século XIX. Os textos aqui contidos não refletem necessariamente a opinião ou a concordância dos organizadores, sendo o conteúdo e a veracidade dos mesmos de inteira e exclusiva responsabilidade de seus autores, inclusive quanto aos direitos autorais de terceiros.

700
O39

Oitocentos - Tomo III : Intercâmbios culturais entre Brasil e Portugal. 2ª.
Edição / Arthur Valle, Camila Dazzi, Isabel Portella (organizadores).- Rio de
Janeiro: CEFET/RJ, 2014. II.

600 p.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-85-7068-010-5

1. Arte. 2. Arte – Brasil. 3. Arte – Portugal. 4. Arte – História. I. Valle,
Arthur. II. Dazzi, Camila. III. Portella, Isabel. IV. Título.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7068-010-5



9 788570 680105



29. Decoração e Decoro nos Salões Oitocentistas no Rio de Janeiro: Modos de Receber e Exibir

Marize Malta¹



Us salões das ricas casas oitocentistas foram locais privilegiados na ordem decorativa, focos de olhares interessados e educados, reflexos de gosto e distinção da boa sociedade residente no Rio de Janeiro. Neles, empreendiam-se grandes esforços para bem acolher as ocasiões especiais da vida social da casa. Os salões passaram a ser o centro das atenções, lugar privilegiado de decoração e decoro [Figura 29.1].

Quando mencionamos os salões oitocentistas, é impossível deixar de se fazer referência a Wanderley Pinho e a seu clássico *Salões e Damas do Segundo Reinado*. Reeditado em 2004, em sua quinta edição, permanece como fundamental ponto de partida para o reconhecimento das práticas sociais dos salões e seus personagens, que envolveram acordos e desacordos políticos, arranjos matrimoniais, disputas de nível social e *status* cultural, transformando os salões em praticamente uma instituição brasileira e lugar por excelência das práticas civilizatórias. Segundo Wanderley, as décadas de 1840, 1850 e 1860 foram as mais intensas em ocorrências de salões. Nesse período, segundo o autor, copiava-se o esplendor do Segundo Império francês e as modas da imperatriz Eugênia.

A arte de receber foi uma das importantes etapas no desenvolvimento do polimento dos comportamentos aos moldes europeus, fazendo com que a elite social depreendesse empenhos substantivos para construir os cenários condizentes com as desejadas boas atuações, demonstrações de refinamento. As casas precisaram passar por reformulações para que pudessem acolher novas demandas de “cordialidade e espírito”². As grandes fortunas das primeiras décadas do XIX tiveram melhores condições de se adaptar com presteza às novas exigências sociais.

¹ Escola de Belas Artes-Universidade Federal do Rio de Janeiro.

² PINHO, Wanderley. *Salões e damas do segundo reinado*. 5. ed. Rio de Janeiro: Livraria Martins, 2004, p. IX.

Os Carneiro Leão, os Carvalho e Melo, os Rio-Seco podiam receber com propriedade conforme a necessidade se impunha.

Salas da frente, salas vagas, salas de receber ou apenas salas assumiram outras configurações para apresentar ambientes cuja expressão estética acomodasse as expectativas visuais por esplendor e vivacidade. O salão, como lembrava José de Alencar, era local onde “(...) recebem-se todas as visitas de cerimônia ou de intimidade; dão-se bailes, reuniões dançantes e concertos. Conversa-se ao som de música, conferencia-se a dois no meio de muita gente – de maneira que nem se fala em segredo, nem em público”³.

Em virtude da proliferação dos cômodos sociais, as salas foram adotando nomenclaturas diversas, de modo a se identificar suas particularidades. Grande salão⁴ era usado quando havia outras várias salas e saletas contíguas, destinadas exclusivamente ao ato de receber. Próxima ao grande salão, a sala de baile se posicionava estrategicamente para os jardins⁵ (casa da marquesa de Abrantes) ou no centro da casa (palácio Itamaraty), de onde se acessavam as demais salas⁶, ou para a rua, de modo a melhor se exibir (palácio do Catete). Cores predominantes eram adotadas nos nomes como salão azul, salão dourado, salão verde. Se houvesse um motivo decorativo de destaque, ele denominava o espaço, como a Sala dos pássaros na casa da marquesa de Abrantes⁷ [Figura 29.2].

A importância das aparências já era prática corrente nas cortes europeias, cujos códigos visuais de pompa e circunstância podiam ser revertidos em mercês e benefícios da coroa. Para aqueles que almejavam alçar à sociedade de corte, angariando um título, como os barões, tão recorrentes no Brasil, fazia-se necessário

³ José de Alencar apud PINHO, 2004, p. XIII.

⁴ Do lado da praia de Botafogo e separada da sala de baile pelo corredor, estava o grande salão, como mobília dourada, forrada de damasco vermelho, reposteiros e sanefas do mesmo damasco, o extenso soalho encerado. Ibidem, p. 278.

⁵ Dançava-se na sala de baile que ficava ao lado do jardim, entre o salão de entrada e a sala de jantar, que não mais se abria depois de acabado o jantar, salvo quando havia alguma grande festa, na qual era servida uma ceia; nas outras ocasiões o serviço era volante. [...] Completavam a sala de baile, além de um piano, uma mobília laqué creme, azul-celeste e dourado, com assentos de palhinha dourada, reposteiros às portas e sanefas azul celeste às janelas, com cortinas de renda. Idem.

⁶ Em casas mais modestas, os salões passavam a se chamar sala de visitas e, assim, eram mais para serem olhadas do que usadas pelos membros da família. Para o dia a dia, uma sala de estar ou sala da família era recomendável, onde se podia ficar mais a vontade e receber amigos mais íntimos. Idem.

⁷ A sala em que recebiam sempre, toda forrada de tapetes, era chamada a “sala dos pássaros” por ter as paredes pintadas com pássaros de todas as variedades, trabalho de um pintor de nomeada que tinha decorado peças no Paço de São Cristóvão. Idem.

emular certas atuações, as quais implicavam cenários e indumentárias condizentes para o convencimento do teatro social. Era preciso mudar o cenário e os modos.

Sendo assim, as práticas de recebimento no Brasil, especialmente no Rio de Janeiro, sofreram impactos significativos a partir do momento em que a corte portuguesa se instalou na cidade, visto que anterior a isso, as referências às fidalguias eram numericamente diminutas e sem apontadores comparativos que permitissem uma análise crítica mais balizada. Os palácios eram poucos e acanhados frente ao paradigma europeu que passou, de forma crescente ao longo do século XIX, a ampliar a própria referência portuguesa, ainda acrescida dos modelos franceses, italianos, ingleses. As práticas de festas em casa também se modificaram, bem como os requisitos e modos de ostentação de poder. Para além dos casarões, que buscavam na atualidade arquitetônica registrar sua nova condição, muitas adaptações e reformas foram empreendidas nas estruturas originais⁸. Mesmo em fins do século XIX, alguns dos mais elogiados salões se contrapunham a uma acanhada arquitetura de fachada.

Se os salões permaneceram por todo o século XIX, seus personagens e tipos tiveram grande mobilidade, demarcando um perfil diferenciado a cada geração. Na época do vice-reino, homenagens e retribuições, comemorações natalícias de reis e rainhas (normalmente efetuadas por cônsules e embaixadores), eram motivos nobres para agendar recepções nas casas senhoriais. Ministros, comandantes, oficiais foram se somando aos chamados viajantes com suas várias profissões, relativizando as referências comportamentais de corte, que aos poucos foram sendo atualizadas pelas práticas burguesas. Durante o Império, políticos, diplomatas, homens de letras e ciências, negociantes e donos de terra, capitalistas, acompanhados de suas distintas damas, faziam parte da alta roda social que frequentava os salões.

Diante das novas práticas, passou-se à recriminação de se receber de modo descompromissado e despojado alguém estranho à casa. A imagem de cada

⁸ Assim ocorreu, por exemplo, com a casa à rua dos Inválidos, número 82, que pertenceu ao visconde de Rio Seco, depois marquês de Jundiá, Carlos Matias Pereira (encarregado de negócios de Portugal), até chegar as mãos do conselheiro Albino Barbosa de Oliveira que a comprou em 1831, mas já morador do imóvel como inquilino. Somente em 1867 foi finalizada a obra de reforma que modificou quase que totalmente o antigo edifício, que se tornou verdadeiramente completa após 1870 quando o palacete foi ambientado com móveis provenientes da Europa e abrigou o primeiro baile (1º de julho de 1870). Ibidem, p. 207.

personalidade da alta sociedade veio sendo construída pelas sucessivas aparições em público, aliada à apresentação em sua própria casa ou em outras casas por ocasião dos salões, tão minuciosamente descritos pelos articulistas do momento.

Muitos tiveram auxílio dos manuais de etiqueta para aprenderem a se portar em público e reconhecer o que era de bom tom. Como diriam muitos livros de etiquetas oitocentistas, as boas maneiras são a melhor carta de apresentação entre estranhos. Civilidade, refinamento e cavalheirismo são passaportes para corações e lares. Enquanto inabilidade, grosseria e aspereza encontram portas trancadas e corações fechados⁹. Contudo, não era tão simples afirmar o que era considerado grosseiro, pois muitos manuais detalhavam o repreensível ao bom cavalheiro: não cuspa no chão, não limpe o nariz, os ouvidos nem as unhas na frente de alguém.

Das recepções sazonais, passaram a ter lugar as comemorações constantes, geralmente de periodicidade anual, relacionadas a aniversários de pessoas ilustres ou celebrações a santos padroeiros (como o baile de 15 de agosto na casa da marquesa de Abrantes, no afamado dia da Glória), prova da permanência das sociabilidades coloniais tão relacionadas à vida cristã. Em alguns salões faziam-se rezas entre o jantar e a dança, como no mês de Maria, na casa do conselheiro Nabuco. Segundo Pinho, “era costume de salões brasileiros, esse de entremear a devoção com a diversão (...)”¹⁰. Isso ajuda a entender a presença da sala-oratório, chamada de capela, no palácio do Catete, museu da República.

Dos grandes festejos, passaram a figurar nos calendários os encontros mensais e, por vezes, semanais, cujo motivo restringia-se ao simples encontro e à oportunidade de travar palestras, promover troca de ideias, divertir-se, aculturar-se. Se os espaços institucionais eram repletos de formalidades, os salões permitiam relações mais próximas e um modo de relacionamento mais cordial. Do homenageado, o interesse voltou-se para os frequentadores e o ambiente. No último quarto do século, os teatros em família revelavam outras facetas menos políticas que motivavam o encontro nos salões. Por outro lado, o papel das recepções no trato político nunca deixou de arrefecer, pois como nos lembra Vicente Quesada, ministro plenipotenciário argentino nos idos de 1884: “(...) *las fiestas y los*

⁹ YOUNG, John H. **Our deportment or the manners, conduct and dress of the most refined society**. Harrisburg, PA: Pennsylvania Publishing, 1880.

¹⁰ PINHO, 2004, p. 281.

banquetes son el rasgo culminante de la política pacífica europea, la prueba de la cordialidad de las relaciones internacionales (...).¹¹

Do mesmo modo que as temáticas dos salões foram se modificando, a notoriedade de uns se dissolvia para dar lugar ao esplendor de outros. Os salões dos Rio-Seco que competiam com os dos Carneiro-Leão, foram sendo sobrepujados pelos salões da marquesa de Abrantes que, após viuvez e segundas núpcias, passou a se chamar viscondessa de Silva, mesmo que alguns insistissem em usar a denominação anterior. Em salões mais duradouros, as pessoas de verve também se atualizavam. Nos salões domingueiros da citada marquesa, houve duas grandes gerações de personalidades espirituosas que ajudavam no sucesso dos encontros, representadas primeiramente por Maciel Monteiro e, tempos depois, por Joaquim Nabuco.

Sessões de audição ao piano, de cantatas, de declamações também foram pretextos para reuniões em casa. Para o final do século, reuniões familiares foram dando um tom mais intimista aos encontros que poderiam assumir outros horários menos nobres do que os que envolviam o jantar. Contudo, o mais atraente de todos e que demandava espaços generosos, era o baile, repleto de danças, com valsas, mazurcas e polcas, envolvendo vários pares a girarem pelo ambiente.

Se os bailados abrangiam muitos convidados para garantir a animação da festa, as conversas foram o principal mote dos salões, com número variável de pessoas. Como lembra Wanderley Pinho¹², os assuntos poderiam ser universais, europeus, fatos da crônica nacional, contos, versos, fartamente publicados nos periódicos cariocas. Assim, a leitura diária dos jornais e revistas era quase uma obrigação social, de modo a se atualizar e saber conduzir uma agradável conversa. Segundo orientações dos periódicos, em um salão modesto, a guarnição mínima seria de sete assentos: “N’um salão deve haver, pelo menos, um sofá, duas poltronas, quatro ou seis cadeiras. Já não é moda collocar-se a mesa no centro do salão. O piano colloca-se n’um dos cantos da sala, de modo que o tocador não volte as costas aos ouvintes”¹³.

¹¹ QUESADA, Vicente G. **Mis memorias diplomaticas**. Misión ante el gobierno del Brasil. Buenos Aires: Imprenta de Coni Hermanos, 1907, p. 200.

¹² PINHO, 2004, p. 139.

¹³ Indicações Úteis. **Rua do Ouvidor**, Rio de Janeiro, ano I, n. 1, p. 3, 14 maio 1898.

Com a prática das palestras, o número de assentos nas salas se ampliou. Em anúncio de leilão de A. Cibrão na Gazeta de Notícias de 30 de setembro de 1875, autorizado por Mme. Lola Mazet que se retirava para Europa, seriam oferecidos “todos os ricos e delicados moveis de mogno solido, jacarandá, xarão e fantasia”¹⁴. Além de se mencionar cadeiras, sofás e móveis estofados, chamava-se atenção para “bonita mobilia, constando de dunkerkes, ottomano, conversadeira de xarão, etagères, etc.”¹⁵, móveis típicos dos salões.

Dias depois, outro leilão, anunciava “moveis solidos em perfeito estado, inclusive mobilia de medalhão duplo para salão, dita de oleo, superior piano de cauda de Bosendelfen, dito de meio armario de Henry Herz, ambos com excellentes vozes”¹⁶. Além de outros móveis para a casa, fazia-se notar os apetrechos ornamentais: “Porcellanas finas, pinturas a oleo, ricos espelhos, jarras e enfeites de porcellana e crystal, objectos de fantasia para mesas e toilette, e tudo quanto é necessário a uma casa de tratamento”¹⁷.

Nem sempre o luxo era sinônimo de um salão de interesse. Os salões do barão de Cotegipe, abertos às quintas-feiras para jantares, teriam mais gosto que luxo e assim eram descritos:

*No salão com pendentes cortinas nas janelas e suaves pinturas no teto distribuía-se em afetada desordem cadeiras de charão, cômodas de boule, a sopesarem candelabros de bronze dourado, bibelôs de marfim, um grande bronze de Barbedienne, “Vencedor no Combate dos Galos”, placas de prata cinzelada de Henner, e, dentre outras telas, quadros de Martino e um retrato de Cotegipe. Aqui e ali esmaltes, estatuetas.*¹⁸

Koseritz menciona o palácio Laranjeiras, onde residiam a princesa Isabel e o conde d’Eu, possuindo bons quadros e objetos de arte, mas como luxo, muitas casas particulares eram-lhe superiores¹⁹. O mesmo olhar de reprovação explicitava Quesada:

¹⁴ **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, n. 60, p. 3, 30 de set. de 1875.

¹⁵ *Idem*.

¹⁶ **Gazeta de Notícias**, Rio de Janeiro, n. 65, p. 3, 5 de out. de 1875.

¹⁷ *Idem*.

¹⁸ PINHO, 2004, p. 134.

¹⁹ KOSERITZ, Carl von. **Imagens do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1980, *passim*.

*(...) la princesa heredera, y su esposo el conde d'Eu, tenían una casa-quinta propiedad suya, muy lejo de poderse llamar palácio: era una de tantas casas burguesas, más ó menos confortables, pero sin ningún aparato exterior que hiciera sospechar la redisenia de la heredera de la corona.*²⁰

O próprio Quesada também se assustava com a simplicidade da decoração do palácio de verão do imperador D. Pedro II, em Petrópolis, que exigia fraque branco dos convidados, apesar de “el palácio estuviese modestisimamente amueblado, com sus salas blanqueadas y muebles con asientos de paja de rejilla, sin duda por el calor”²¹. Segundo ele, o edifício se assemelhava mais à residência de um rico fazendeiro que a de um soberano. Só o parque, com sua exuberante vegetação tropical, merecia elogios. O imperador burguês, aos olhos do vizinho argentino, levava uma vida de grande simplicidade: “Cualquier enriquecido, personaje improvisado, vive com más esplendor”²².

O luxo sempre impressionou os cronistas, como Quesada que destacou, nos anos de 1880, os salões dos condes de Estrela, a casa do barão de Mesquita, no Rio Comprido, as casas do Visconde de Silva e a da Viscondessa de Cavalcanti, em Botafogo, o palacete Cornélio e o palácio do conde de Nova Friburgo, no Catete, este último considerado o de maior esplendor, com seus sete salões no andar nobre, “lujosamente deslumbradores”, que à época ainda não estavam definitivamente mobiliados²³ [Figura 29.3]. Ele lembra da grande festa de julho de 1883 destinada aos recém-casados Antônio Clemente Pinto (depois segundo barão de São Clemente) e Georgina Faro: “Es preciso poseer una fortuna muy considerable para decorar con tanto fausto um palácio tan grande”²⁴.

Os salões de Haritoff, em Laranjeiras, que se abriam a festas, jantares e bailes também mereceram nota. Eram ricamente decorados com objetos de valor e de gosto:

(...) pinturas, telas, porcelanas, billaban á la luz de una iluminación distribuída con arte y exquisito buen gusto.” (...) El edificio era realmente um verdadero palácio, por sus grandes salones, profusamente alumbrados, em los cuales abundaban las flores y los objetos de arte; entre los cuadros y los grandes

²⁰ QUESADA, 1907, p. 103.

²¹ Ibidem, p. 109.

²² Ibidem, p. 112.

²³ Ibidem, p. 189-190.

²⁴ Ibidem, p. 191.

*jarrones de malaquita, se lucían los adornos de la góndola de la emperatriz María Luisa, en su visita á Francia, de terciopelo carmín con adornos dorados, y bordada em relieve de oro la corona imperial de Napoleón. En uno de los testers del extenso salón que servía de fumoir, estaba colocado hermosísimo cuadro, el retrato de tamaño natural de la señora Haritoff, con un hermoso perro blanco echado á sus pies, obra del pintor Richter.*²⁵

Koseritz também se maravilhou com o salão de madame Haritoff, escrevendo em 26 de agosto de 1883:

*O seu salão é o único que alia o chic e a verdadeira elegância com a alegria e a arte. Ela reuniu tudo o que oferecem a arte e a elegância e mesmo o mais pequeno objeto é uma obra-prima. Ali se encontram, ao lado de telas de grandes mestres, (...), as mais preciosas antiguidades, velhos sèvres e saxes em raros exemplares, móveis de Boule de apurado gosto e preços quase inacessíveis.*²⁶

Alguns estrangeiros, habituados a ambientes ilustres, não se furtavam de comentar sobre os salões que frequentavam, como Samuel Green Arnold que visitou por duas vezes o palacete da marquesa de Abrantes/viscondessa de Silva:

*Nas paredes da sala de jantar havia painéis com cenas de selvas e fantasias outras. As cortinas eram de mousseline e de vivo carmezim. Nas paredes do salão pintura de pássaros. O grande vestibulo ricamente empapelado. Existia um salão mobilado de mesas e vitrinas com cristais e jarrões trazidos da Alemanha. A sala de jantar dava para o jardim (...). Impressionaram a Arnold os cristais da Boêmia. Nas duas ceias a que compareceu, dois foram, e diferentes, os serviços de sobremesa ('juego de postre'), um deles de cristal de Boêmia azul.*²⁷

Muito do esplendor era medido pelo número de velas acesas na ocasião. No baile de 1849 do dia da Glória, evento realizado sistematicamente pela marquesa de Abrantes, este foi considerado o mais fulgurante de todas as festas por ela realizadas, e contou com 800 velas²⁸. No caso dos banquetes, media-se o luxo do evento pelo número de talheres, revelando tanto a posse dos faqueiros de prata, quanto a variedade dos pratos. À mesa, não se tinha dúvida da proveniência do convidado – se de família tradicional ou de fortuna recente. Como lembravam as

²⁵ Ibidem, p. 192.

²⁶ KOSERITZ, 1980, p. 176.

²⁷ PINHO, 2004, p. 279.

²⁸ Ibidem, p. 114.

prescrições, nada revelaria melhor um homem bem educado que o modo adequado de se comer. Um homem poderia saber se vestir muito bem e sustentar-se toleravelmente em uma conversação, mas se não estivesse familiarizado com os talheres, copos e pratos, o jantar iria traí-lo.

Muitos salões excediam-se pelos jardins da casa, onde, conforme o tipo de recepção, eram montados pavilhões para servirem de casa dos refrescos, para acomodar o bufê ou o salão da ceia. Desse modo, além dos ambientes internos da casa, com a decoração com certa perenidade, ajuntavam-se construções e ornamentações efêmeras.

Os salões petropolitanos fizeram história durante a temporada de verão, quando grande parte da elite residente no Rio de Janeiro retirava-se para clima mais ameno e menos insalubre, sem as ameaças da febre amarela. Os ministros estrangeiros também acompanhavam a elite carioca e instalavam-se em casas de veraneio, em geral de decoração mais simplificada, mas não menos elegante. Alguns, como o ministro francês, até empregavam os artefatos produzidos localmente para a decoração de sua segunda casa:

El conde Amelot desempeñava á la sazón el cargo de ministro plenipotenciario de Francia, y La condesa, dama muy sociable, hospitalaria y culta, recibía con frecuencia en la casa-quinta que ocupaba em Petrópolis. Com gusto francés, había utilizado las telas de una fábrica de tejidos de la misma villa; con un género de algodón á listas azules y blancas, muy angostas, cubrió las paredes y formo lós cortinajes, tapizando á la vez el mobiliário; y aquellas habitaciones tenían el sello parisiense, por la sencilla elegancia y la frescura de tal decoración, en armonía con el clima. Con cosas de poco valor, el arte decorativo y el exquisito gusto de la condesa supieron imprimir á su morada un carácter peculiar, simpático y distinguido, mientras eran pobre y ruines las paredes blanqueadas del palacio imperial.²⁹

Podemos perceber o peso da escolha de certos artefatos e materiais, bem como o modo de empregá-los a influir na respeitabilidade das casas e personalidades, fazendo-nos compreender as complexas nuances desse espaço privilegiado para exhibições. Somos o que aparentamos ser e a imagem da casa, onde se recebe, é parte integrante dessa cultura visual do indivíduo: “O salão era um símbolo dentro de um símbolo, o tesouro dentro do castelo familiar, uma sala

²⁹ QUESADA, 1907, p. 134.

privada das musas da pintura e poesia e artes decorativas, um gabinete de arqueologia e geologia aleatória”³⁰.

Muitos objetos eram considerados somente integrantes de um conjunto, afastando a possibilidade de ser objeto único ou isolado de seus pares, cuja potencialidade artística se instituía na visão conjugada, na relação de contiguidade, nos efeitos do todo, características de uma arte doméstica. Essa dependência entre objeto e conjunto sugere-nos que uma determinada pessoa só alcançaria certo *status* ou distinção social se estivesse inserida em determinado grupo. O grupo lhe daria a referência e sustentaria sua significância e até sua qualidade estética. A ideia de conjunto decorativo, que sustenta o sentido de mobília/mobiliário, demonstra quanto a relação de grupo mostra-se fundamental para a sociedade que usou desse artifício.

A imagem pessoal ou familiar era formada por visões públicas das pessoas, ou seja, aquelas aparições em que sua imagem era compartilhada por muitas pessoas, com aquela vislumbrada no ambiente privado. Desse modo, era preciso estar nas bocas e nas penas dos cronistas para que uma pessoa garantisse sua inserção nos círculos sociais de elite.

Alguns diários da imprensa carioca passaram a registrar as recepções, informando os presentes, narrando com minúcias as toaletes das damas e os atrativos decorativos dos ambientes interiores. Mesmo que o objetivo maior fosse a descrição das vestimentas, o que demandava grande domínio do vocabulário vestimentar feminino, a decoração dos salões, onde senhoras e senhoritas circulavam, recebia pequenos comentários de modo a estabelecer cenário perfeito às suas silhuetas. Aos poucos, os salões foram ganhando destaque e se transformando até em título de seção de revista, como no periódico *Rua do Ouvidor*. Na seção ‘Salões’ eram noticiadas as últimas recepções realizadas nas casas de notórios moradores da cidade do Rio de Janeiro, como podemos ver a seguir, a partir de excertos de algumas edições:

Tivemos a inexcédível honra de assistir na noite do último domingo a brilhante festa realizada no palacete do estimado e venerado Visconde de Maracajú, (...). O palacete acha-se situado na Rua Mariz de Barros n.12, ao centro de um magnífico

³⁰ LYNES, Russel. Requiem for the parlour. **Architectural Digest**, the international magazine of fine interior design, Los Angeles, p. 46, sep. 1987.

*jardim. (...) As vastas salas ricamente mobiliadas e enfeitadas regorgitavam da elite da nossa sociedade.*³¹

Assim, para bem receber e ser bem cotado aos olhos alheios, os salões se faziam necessários ainda que somente sua existência não bastasse, pois os ambientes de recepção primavam por imagens de esplendor visual, riqueza de detalhes e decorações vivazes e elegantes que ratificassem sua intenção de agradar ao público.

Nesses espaços bem arranjados, ocasiões festivas importantes ganhavam um lugar-tenente:

Domingo ultimo, realizou-se o baile offerecido pelo distincto negociante Honório Guimarães Moniz e S. Exma. Senhora aos seus amigos em honra ao 18º anniversario do seu casamento.

Foi uma festa bellissima em toda estensao da palavra e a ella não faltou um so requisito de elegância, de bom tom, de luxo discreto e fino.

O palacete do Sr. Moniz, á rua Barão de Itaburuna n.23, é um verdadeiro primmor, digno de ser visitado minuciosamente.

Os salões, as mobílias, os objectos de arte, formam um conjunto admirável, no qual se realçam a belleza de quadros de valor e mil accessorios primorosos, as riquíssimas cortinas, os vãos custosos, as pinturas dos tectos e das paredes, cada qual mais variada e deslumbrante.

*A casa do Sr. Moniz é de architectura singela, mas elegante; tem ao redor extensas e commodas variadas muito próprias para um baile, por offerecerem grande conforto a quem sahe dos magníficos salões. ...*³²

Se a arquitetura no seu aspecto exterior não rogava críticas positivas, os interiores se mostravam à altura de entreter olhos mais exigentes. A beleza e a arte eram adotadas como membros familiares, que, assim, conferiam personalidade à casa que habitavam, uma individualidade distinta. A arte doméstica se anunciava: pinturas de tetos e paredes, mobílias, têxteis, quadros e objetos de arte, caracterizando-se por uma arte de acesso restrito, cuja experiência se dava em

³¹ Salões. **Rua do Ouvidor**, Rio de Janeiro, ano II, n. 61, p. 4, 8 jul. 1899.

³² Salões. **Rua do Ouvidor**, Rio de Janeiro, ano II, n. 66, p. 5, 12 ago. 1899.

ambientes fechados, destacados do mundo da rua, e que demandava convites especiais para se poder dela usufruir. Era, assim, uma arte em que se penetrava:

(...) entravamos na sumptuosa sala do honrado negociante desta praça o distinto Sr. Conde dos Santos, que festejava o seu aniversario natalicio e o de seu casamento.

O aspecto da sala, á hora em que nella penetramos era sem duvida dos mais deslumbrantes, ostentado pela variedade de nuances rebrilhantes, á iluminação do gaz, ao fulgir das pedrarias e ao esplendor dos olhos femininos e dos fios das pérolas dos dentes.

Do alto das janellas e dos portaes desciam ricas cortinas de bordados caros, aberta aos pares, servindo de arco para a passagem e para estada dos que tiverem a ventura de assistir á festa, Nas janellas, nos intervallos das dansas ou durante o concerto, que estiveram dignos do escol que nelles tomou parte ou a elles assistiu, destacavam-se os vultos alli parados, ao acaso, como no fundo de uma moldura artistica e elegante.

*Safenas, sedas, flores, estatuetas, quadros e bibelots confundindo-se pela bella mobília de alto preço, decorativa da esplendida sala.*³³

O aspecto dos salões deveria captar a atenção, reclamando por um olhar interessado e educado a investigar pistas de distinção e saber ajuizar o peso de cada escolha decorativa. A iluminação, no caso a gás, com sua forte intensidade, concorria para a espetacularização do lugar que, com auxílio de pingentes de cristal dos lustres, dos espelhos dos tremós, dos vernizes que recobriam os móveis, do brilho das sedas e cetins, promovia cintilações que configuravam a considerada verdadeira imagem de luxo e esplendor com as quais todos os salões deveriam ser identificados. A arte doméstica dos salões deveria extasiar os convidados, saltar aos olhos, inebriar o espírito: “A noite de terça-feira desta semana foi para nos de inefáveis momentos de sincero prazer, tantas e tão deslumbrantes foram as cousas que feriram a retina do nosso olhar”³⁴. Foi o impacto sentido pelo redator a respeito dos ambientes da casa do conde dos Santos, que acabamos de ler as descrições. Aqueles, a seu ver, eram verdadeiros salões!

Nesses cenários para festas, os casamentos eram frequentemente registrados, quando os ambientes ainda ganhavam mais artifícios para ampliação da

³³ Salões. **Rua do Ouvidor**, Rio de Janeiro, ano I, n. 15, p. 6, 20 ago. 1898.

³⁴ Idem.

pompa, geralmente por meio de arranjos florais que recobriam portais, pendiam dos tetos, formavam sanefas pelas paredes, enfeitavam mesas. Flores e folhas disputavam atenção com os artigos da decoração, molduras distintas a destacarem os noivos, caso de Mabel e Gustavo Leuzinger Masset, que receberam os convidados na casa do pai da moça, Mr. Edwin E. Hilme, à rua Matriz, n° 40:

*A sala, adornada ricamente na ostentação deslumbradora, dos bellos quadros, da disposição harmônica dos moveis, das safenas, das cortinas, dos lustres, da opulência e variedade de cores, desde o papel das paredes até a vida luxuriante dos matizes de flôres e folhagens pelos tectos e portaes, a sala principal logo á entrada era um seguro elemento de sucesso, para a festa que então se celebrava.*³⁵

O mesmo pode ser observado no relato da festa de casamento de Luiza Guerra Duval com o Sr. Henry Athol Murray:

A residência apresentava deslumbrante aspecto, já pelo extremo gosto e luxo das mobílias, já pela ornamentação riquíssima, á cargo do conhecido Juca Florista. O salão nobre onde o sub-pretor Dr. Veiga realizou o acto civil impunha-se á admiração geral pala sumptuosidade dos objectos que o guarneciam.

*A extensa sala de jantar, onde se achava uma grande mesa em forma de U, offerecia igualmente aspecto bellissimo, do tecto cahiam vistosos florões que cirundavam toda a sala.*³⁶

No próprio periódico complementavam-se as descrições das festas com orientações de como receber e bem decorar a casa, por exemplo, encontradas nas colunas *Indicações Úteis* ou *Normas de Polidez*. Guiados pelos olhos atentos do narrador, os leitores dessas colunas acuravam seus próprios olhares e se muniam de orientações de como bem perceber e analisar os ambientes que acolhiam as recepções festivas da elite social. Além dos preceitos de decoração e decoro, o leitor começava a ser consultado, apontando para uma situação de maior cumplicidade, provavelmente por já estar munido de um olhar educado, esteticamente iniciado, capaz de emitir juízos:

A Duqueza d'Uzes, durante o inverno passado, deu diversos jantares em que flores, toalhas, ornamentação da sala e toilettes das convidadas tinha a mesma cor. Que

³⁵ Salões. **Rua do Ouvidor**, Rio de Janeiro, ano I, p. 4, 18 jun. 1898.

³⁶ Salões. **Rua do Ouvidor**, Rio de Janeiro, ano I, n. 31, p. 6, 10 dez. 1898.

*lhe parece isto? Originalidade de gosto duvidoso ou refinado estheticismo? Discutiu-se em Paris por quinze dias e não chegou-se a accordo, como sempre.*³⁷

Dos salões residenciais, os encontros e comemorações em espaços comerciais foram ganhando destaque. Junto às notícias de recepções nas casas de particulares, as colunas sociais descreviam as festividades em salões de cassinos (Cassino Fluminense), hotéis (hotel de Orleans em Petrópolis), clubes (Clube Naval, Clube dos Diários, Clube Odeon). No periódico *Rua do Ouvidor*, a seção *Salões*, registrava em outubro de 1899:

Realizou-se no dia 3 do corrente, nos luxuosos salões do Cassino Fluminense, com extraordinaria concorrência o baile offerecido ao senhor conselheiro Luiz Vianna pelos seus amigos e admiradores.

Foi uma bellissima festa a que não faltaram atractivos e encantos, para que a tornassem digna da pessoa a quem ella era dedicada, assim como dos seus organisadores.

Os bellos salões do Cassino, ornamentados galhardamente, ostentavam radiantes, pela formosura e elegância do grande numero de gentis senhoras e senhoritas, que lhe davam o tom alegre de sempre.

*A belleza, a graça, a elegancia contrastando com os raios que emanavam de todos os focos luminosos e o luxo dos moveis, davam um aspecto deslumbrante a festa.*³⁸

Os fornecedores e serviços de decoração eram constantemente citados, como o serviço de bufê realizado pela Casa Paschoal ou a casa de Mme. Rosenwalt que oferecia flores para as recepções, dando o clima festivo necessário. Os salões dos espaços comerciais passavam a disputar com as reputações dos ambientes domésticos dos salões.

Para Koseritz, a grande sala do Cassino Fluminense era “o maior, mais belo e mais luxuoso salão da América do Sul, e toda a nata da sociedade do Rio se disputa a hora de um convite”³⁹. E ele assim o descrevia em 7 de outubro de 1883:

A sua grande sala (a maior do Rio) é muito alta e cheia de estilo; uma fila de colunas suporta uma galeria (...). A ornamentação é a mais rica que se pode

³⁷ Indicações Úteis. **Rua do Ouvidor**, Rio de Janeiro, ano I, n. 31, p. 6, 10 dez. 1898.

³⁸ Salões. **Rua do Ouvidor**, Rio de Janeiro, ano II, n. 74, p. 4, 7 out. 1899.

³⁹ KOSERITZ, 1980, p. 215.

*imaginar: pesadas cortinas de damasco com franjas douradas, dourados por toda parte, soberbo lustre com 200 bicos de gás, enormes espelhos que multiplicavam a extensão da sala, – tudo grandioso e luxuoso. Ao lado da grande sala há uma pequena, enfeitada com folhagens e provida de uma quantidade de sofás e ‘causeuses’.*⁴⁰

Aos poucos, as minuciosas descrições das festividades nos salões foram sendo substituídas pela testemunha ocular da lente fotográfica, tão recorrente na *Revista da Semana* que, já nos primeiros anos do século XX, exibia em suas páginas o que os salões da boa sociedade da época abrigava: banquetes, casamentos, recepções, homenagens [Figura 29.4]. Não era mais preciso buscar olhos emprestados que minuciosamente relatavam a festa, a decoração, os convidados. A visão da festa era oferecida num instantâneo, nem sempre tão nítido quanto se desejava. Também não se precisava possuir uma casa de vasta dimensão para ostentar salões. O que importava era a propriedade da decoração.

Após um século passeando por salões, a boa sociedade carioca já formara um lastro de referência do bem decorar e das modalidades de efeitos decorativos, um catálogo particular de lembranças dos salões frequentados. Depois dos bailes, ficavam as recordações, as quais transmutadas em imagens pictóricas, traziam à tona a impressão de tantos detalhes que ainda povoavam a memória daqueles que viviam em meio aos salões.

E se naquela época os olhos se voltavam para as pessoas nos salões e seus cenários de pompa e circunstância, que auxiliavam a dignificá-las e a condecorá-las (um dos sentidos do ato de decorar), cabe a nós, pessoas de hoje, olhar para os salões como impressões sobreviventes de uma época em que decoração e decoro encontraram na referência artística sua melhor intérprete. Nesses salões oitocentistas, uma arte especial se estabelecia, uma arte portas adentro, arte de dias de festas, mas com a qual se convivia todos os dias. Tetos, paredes, pisos, têxteis, móveis, lustres e bibelôs, dentre eles os objetos de arte, pinturas e esculturas, convergiam para construir uma sinfonia chamada arte doméstica, a arte dos salões. É preciso procurar voltar a ouvir essa música, essa música visual com um forte sentido de conjunto, de harmonia, como uma sinfonia mesmo, para podermos melhor valorizar a arte oitocentista, que deve ser compreendida para além do que

⁴⁰ *Ibidem*, p. 215-216.

era exposto nos salões da Academia de Belas-Artes, foco preferido nos estudos de história da arte do século XIX no Brasil. A arte doméstica foi uma das principais personagens que habitaram os salões. Devemos, como bons anfitriões dos salões da história da arte, dar-lhes a merecida atenção.

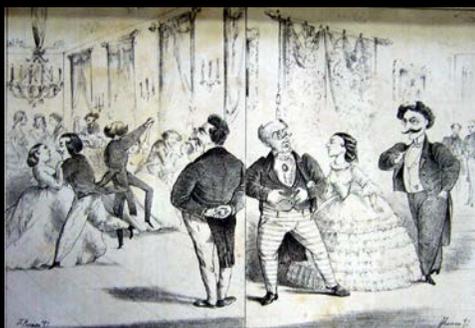


Figura 29.1 - Henrique Fleiuss, Os ambientes dos salões e as negociações entre decoração e decoro, 1861.



Figura 29.2 - Sala dos pássaros, residência da marquesa de Abrantes/viscondessa de Silva, 1906.



Figura 29.3 - Salão nobre do palácio do Catete, considerado um dos mais deslumbrantes da cidade, 1906.



Figura 29.4 - Banquete oferecido a Santos Dumont no palacete do Dr. José Carlos Rodrigues, 1903.